



Mpox ainda traz dúvidas, mesmo para especialistas

Pesquisadores tentam desvendar questões sobre a nova cepa do vírus, como letalidade e ação de vacinas

BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yoneshigue@oglobo.com.br

Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decidiu decretar novamente que a mpox é uma emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII), muitas dúvidas têm surgido. Não apenas para a população geral, como também para cientistas que buscam entender o comportamento da nova cepa.

A mpox não é uma doença nova, ela é uma infecção viral semelhante à varíola humana que é endêmica em determinados países da África Central e Ocidental. O vírus circula principalmente em animais, por isso não foi erradicado.

— A mpox foi descrita durante o esforço de erradicação da varíola. Ela era associada a reservatórios animais, e a infecção em humanos era acidental, pelo contato com eles — explica Rafael Galliez,

professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e médico do Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião.

O vírus é dividido em duas linhagens, chamadas de clado 1 e clado 2. A 1 é conhecida por ser mais grave, com letalidade de até 10%, e mais predominante no centro do continente, área da República Democrática do Congo (RDC).

Já o clado 2 é menos mortal, com uma taxa de cerca de 1% de letalidade, e circula mais pela região Ocidental, explica o infectologista do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz) José Cerbino Neto:

— Em 2022, tivemos o surgimento de uma nova versão do clado 2, que foi nomeada de 2b, com esse padrão de transmissão associada ao sexo. Com isso, ele teve uma expansão para outros continentes e causou o surto global inédito.



Epicentro. Pacientes aguardam atendimento na República Democrática do Congo, origem do novo surto de casos de variação do vírus com maior letalidade

A doença tem início com sintomas de uma infecção viral, como febre e dores no corpo. Em seguida, até uma semana depois, começam as bolhas características, que podem durar até quatro semanas. Existem antivirais e vacinas, inicialmente desenvolvidos para a varíola humana, mas que oferecem uma proteção cruzada.

Letalidade

Um dos pontos que precisa ser elucidado sobre a cepa 1b é se ela de fato será tão letal quanto a 1a, cujos registros falam em 10% de mortalidade. Segundo um alerta da OMS até agora, a letalidade na RDC, que vive o maior surto

de mpox, com mais de 500 mortos, estava em 3,1%.

Mas o país vive tanto os casos novos causados pelo clado 1b como os provocados pelo 1a, e os dados não fazem essa distinção detalhada. Por isso, não há como saber a letalidade exata da nova cepa.

— Aparentemente a mortalidade do clado 1b tem sido mais baixa do clado 1a. Mas essa letalidade depende muito dos sistemas de saúde locais — afirma Galliez.

Transmissão e grupos de risco

Segundo a OMS, enquanto os casos do clado 1a têm sido relatados em regiões onde o vírus já era endêmico e princi-

palmente em crianças e por diferentes meios de transmissão, os do 1b têm sido observados na área mais ao Leste da RDC, afetando predominantemente adultos e se disseminando via contato sexual.

— Essa cepa se espalhou para quatro países que fazem fronteira com a RDC e antes não tinham casos de mpox. Por isso a preocupação de que o cenário de 2022 se repita. Mas não temos muitos dados ainda sobre esse padrão de transmissão sexual entre adultos. Falta esclarecer quem é a população mais acometida por essa cepa nova — avalia Cerbino.

A virologista Giliane Trindade, coordenadora do Laboratório de Vírus da Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG), reforça que o contato sexual está favorecendo a disseminação, mas diz que falta entender quantas pessoas são assintomáticas.

Antivirais e vacinas

Os especialistas citam ainda que, embora sejam estratégias para conter o surto, não se sabe o quanto de eficácia os medicamentos disponíveis têm contra a nova cepa.

— Pelos últimos estudos parece que o Tecovirimat tem tido pouca eficiência no tratamento — diz Trindade. Em relação às vacinas, Cerbino diz que também “precisamos de mais informações” para saber se a nova mutação vai alterar a proteção.